TARUMÃ

3ª EDIÇÃO

POEMA-CANÇÃO

Ilustração de
GETÚLIO ALHO

de

ÁUREO NONATO

COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DO TEATRO AMAZONAS (1896 - 1996)

SEC-39592
-4172-

TARUMÃ

Poema-Canção de ÁUREO NONATO

A LENDA

Segundo o etnólogo e folclorista Mário Ypiranga Monteiro, a lenda amazônica da árvore do tarumã conta-se assim: um índio, apaixonado pelos encantos de uma Yara, é atraído até a beira do rio Tarumã, onde lhe aparecia a bem amada, e é pela mesma transformado numa árvore: poe fim, tomba vencido... de noite, é um tronco murcho descendo o rio. De dia, reverdece e volta ao local do encantamento. – A CACHOEIRA GRANDE DO TARUMÃ – formada pelas águas do rio Tarumã – tradicional e famoso ponto de atração turística do Amazonas, está nos arredores da capital amazonense.

— I —

Solista:
Tarumã, Tarumã...
Água rolando,
Sem parar...
(Côro: Tarumã, Tarumã, Tarumã.)
Solista:
A minha vida,
Tarumã!
É igual a tua,
Tarumã!
Amando,
Amando,
Sem parar...
(Côro: Tarumã, Tarumã, Tarumã)

— II —

(Côro: Tarumã, Tarumã!
Tarumã, Tarumã!)

Obs.: Antes da entrada do CÔRO, começam batidas de tambores índios, em ritual de festa. Terminam juntos, CÔRO e tambores.

Solista:
Ah! Tarumã...
Em tuas águas,
Há encanto e amor,
Alegria e dor.

(Côro: A minha vida, Tarumã,
É igual à tua,Tarumã...)

Solista:
Tua lenda diz
Que um tronco
Vai rolando,
Vem correndo...
(Côro: Noite e dia,
Dia e noite,
Noite e dia.)

Solista:
Sem parar...
(Côro: Rio acima,
Rio abaixo,
Rio acima.)

Solista:
Sem parar...
Envelhecendo de noite,
Reflorindo de manhã...
(Côro: A minha vida, Tarumã,
É igual à tua, Tarumã...)

Solista:
Amando, amando,
Sem parar...
(Côro: Tarumã, Tarumã, Tarumã...)

BIBLIOTECA PARTICULAR DE [illegible] MONTEIRO

DADOS BIOGRÁFICOS

Áureo Nonato é um amazonense que, seja como jornalista, poeta ou compositor, sempre proclama, em toda a sua obra, um entranhado amor pela terra em que nasceu. É o autor do já célebre (inclusive internacionalmente) poema-canção "Tarumã", da canção "Manaus" (a canção oficial da cidade) e do livro **Os Bucheiros**, premiado pela Academia Brasileira de Letras.

No Rio, desde a sua juventude, ao lado de Ana Amélia, na casa do Estudante, e de Paschoal Carlos Magno, no Teatro do Estudante, tornou-se um nome identificado em todos os círculos intelectuais, artístico e sociais. E foram inúmeros os escritores a escrever sobre ele, crônicas inteiras como as que lhe dedicou Nelson Rodrigues e Henrique Pongetti, para só ficar nesses dois

O Editor

CADERNO DO PATRIMÔNIO Nº 03/88
Governo do Estado do Amazonas/Secretaria da Educação e Cultura/Coordenadoria de Assuntos Culturais.
Ministério da Cultura

GOVERNO AMAZONINO MENDES

AMM 1194

LENDA TARUMÃ EM POEMA-CANÇÃO

O neoromantismo de um imaginoso compositor, dos bem nossos, acaba de plasmar os encantos de uma doce lenda "tarumã" nos segredos da composição estética. Embalado no canto infinito da cachoeira lendária e no ímpeto aluvial de suas águas rumo à foz do rio de lindas praias alvas e íntimos racontos fluviais, nosso conterrâneo Áureo Nonato explicou em forma de beleza, explicou em música e nas estrofes de um poema, a estória meiga da Iara na sedução de jovem índio apaixonado.

Não sei de recanto mais doce de mistérios, nem de selvas e águas mais cheias de líricas crendices, que êsses da Cachoeira e do Rio dos Tarumãs, escolhidos pelo artista amazonense para a motivação de seu mais recente poema – canção. Nem sei de lenda mais embaladora, nem de fonte de ternura e poesia mais grata ao coração, que essa da Iara, na foz do Tarumã, "os olhos verdes", "os cabelos como se fossem de oiro, presos por flôres de mururé, a cantar, a cantar... como nunca ouvi cantar assim", – no deslumbramento de "um môço tapuio, filho do tuxaua da taba dos Manaus, o mais lindo de todos os moços da sua tribo", segundo a versão do Cônego Francisco Bernardino de Souza, nas suas "Lembranças e curiosidades do Vale do Amazonas".

"Mãe!, eu a vi... Eu a vi, mãe, boiando em flor como os nenúfares nas águas do igarapé. É linda como a lua, nas noites mais claras. Eu a vi, mãe! Seus cabelos têm a côr das flôres do pau d'arco e o brilho do sol; suas faces tiraram o rosado das penas da colhereira e das flôres da sapucaia. Os passarinhos que mais cantam não cantam como ela. Mãe, ela é formosa como nenhum homem da taba do Grande Rio jamais viu nem verá. Ela cantava e, à sua voz, a própria cachoeira do Tarumã cessou de roncar e parou, de certo por ouvi-la. Ela olhou para mim, oh! mãe, e estendeu-me os braços. Depois, repartiram-se as águas e ela desceu para a sua casa, que foi esquecida lá no fundo pelo céu, num tempo muito longe, quando o céu se estendia como embaixo de nós a campina matizada de flôres, antes de subir e de arquear, sôbre as nossas cabeças, a sua concha estrelada! Mãe, eu quero vê-la mais; eu quero ouvir ainda o seu canto!... – assim se deixara fascinar Jaguarari, o filho do tuxaua dos Manaus, " belo como as frescas manhãs de sol nas águas do Grande Rio", segundo uma das versões colhidas por José Coutinho de Oliveira, em seu livro "Lendas Amazônicas".

Rio de águas pesadas, de um azul fechado em seus mistérios e em seus mitos avoengos, as ondas que embalam o Tarumã, ao sôpro dos alísios inconstantes, contam que viram desbravadores retorcendo igarapés e rasgando florestas, fendendo colinas, domando feras e matando homens bronzeados, no áfã de ferir nas veias o corpo virgem da terra, para as sangrias dos óleos, das resinas e das seivas. Lá mais acima, a Cachoeira do Tarumãzinho é um véu de noiva desfraldado para o abismo, um tule muito alvo no aceno vagamente panteísta em que a Iara deixou perpetuado o seu poder de encantação. Quantos visitam a linda região, subindo o rio, por entre as praias alvacentas, ou aspirando o aroma acídulo das resinas pelas estradas que vão da Ponta Negra ou da BR-17, – quantos se banham em suas praias e cascatas, ou deitam o olhar em suas paisagens, sentem logo o "sorriso da Iara" em seu enlêvo, aquilo que está no arrebatamento emocional das coisas que mais nos inspiram amor e admiração.

Áureo Nonato deve ter doirado nesse espanto da natureza amazônica a sua delicada sensibilidade de artista, para assim poder compor o poema-canção. As flôres lilases do mururé, o véu de renda da cascata, as ondas persuasivas do rio, a paisagem, os pássaros e aquela soberba inconsciência das fôrças da natureza, tudo está transformado em música, em ritmo, em símbolo e versos de fúlgido lirismo, na magistral composição. A lenda, muito nossa, da paixão de um jovem índio dos Manaus pela formosura da Iara, que o encanta em árvore às margens da Cachoeira Grande do Rio Tarumã, alí está em toda a sua beleza e em tôda a substância da alma tapuia, dando calor e sensibilidade à esquemática da partitura. Na singeleza do raconto, que a sinfonia interpreta em forma enxuta de lirismo, o môço índio manaus tem duas vidas: de noite, é um tronco morto descendo o rio; de dia, reverdece e retoma a sua origem por fôrça do amor e dos podêres da Iara.

E é assim que o talentoso compositor se coloca, ou coloca sua vida, – as imagens felizes ou infelizes de seu espírito tribulado de saudades e recordações, – nestas belas estrofes da canção: "Minha vida é igual à tua, Tarumã. Amando, amando,/ sem parar./ Ah! Tarumã,/ em tuas águas/ há encanto e amor,/ alegria e dor./ Tua lenda diz/ que um tronco vai rolando,/ vem correndo sem parar.../ envelhecendo de noite/ reflorindo de manhã./ Amando,/ amando./ Sem parar..."

. . . .

Retorne aos seus, Áureo Nonato. Venha trazer para a sua taba os triunfos do seu espírito e as revelações de seu estro poético. "Tarumã" será canção bem nossa e ficará para sempre como a imagem sonora desta sua terra, como ficou a imagem lendária da doce Iara que ele recanta em estrofes meigas musicalizadas. "Tarumã" terá poisada afetiva em nossos corações e, um dia, daqui, alçará para a glória e para a fama, como um ectoderna predestinado, a sua corola augusta, na mais linda imagem floral de símbolo e ideação.

-x-x-x-x-x-x-x-x-

Vai para um ano, com essas palavras assim saudei a composição de Aureo Nonato, com os acentos do afeto muito nosso, daqui dêste rodapé. O cancionista retornou à sua taba; e, lá, bem junto à Cachoeira do Tarumã, ao "chuá-chuá" das águas noivando lendas sobre as pedras, fêz cantar para nós, domingo último, com as vozes lindas do Coral "João Gomes Júnior", as preces múrmuras do poema-canção.

Chovia tanto naquela manhã, tanto era o intérmino murmurar da seiva plúvia no delírio nupcial da amorosa cascata, que até parecia a paisagem encharcada nos querer insinuar a metempsicose mítica da Iara em Danae sob a chuva de oiro, no grande pecado redimido pela divina vontade sensual de Jupiter lascivo. E, na pauta dos três esquemas da insidiosa manhã hibernal, – o céu escuro, a água a correr e a passarada em silêncio no fundo da floresta. – só as vozes do Coral, multiplicando em gorgeios as belezas do poema-canção, acordavam na paisagem fria a álma da lenda que inspirou e comoveu Áureo Nonato.

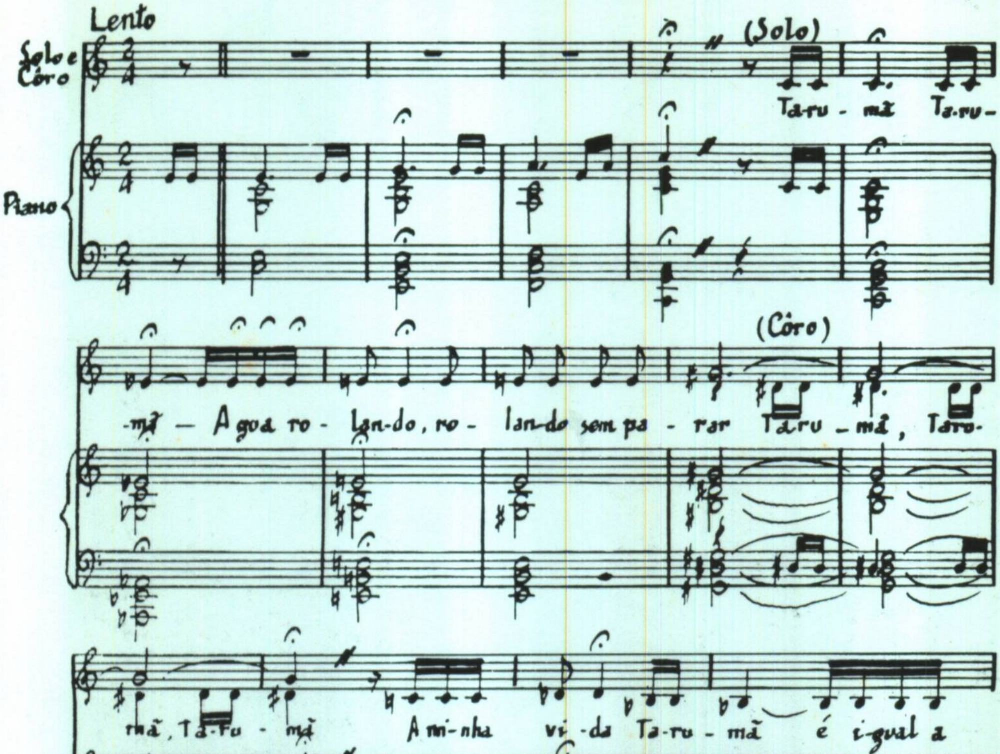
(Texto de GENESINO BRAGA, da Academia Amazonense de Letras

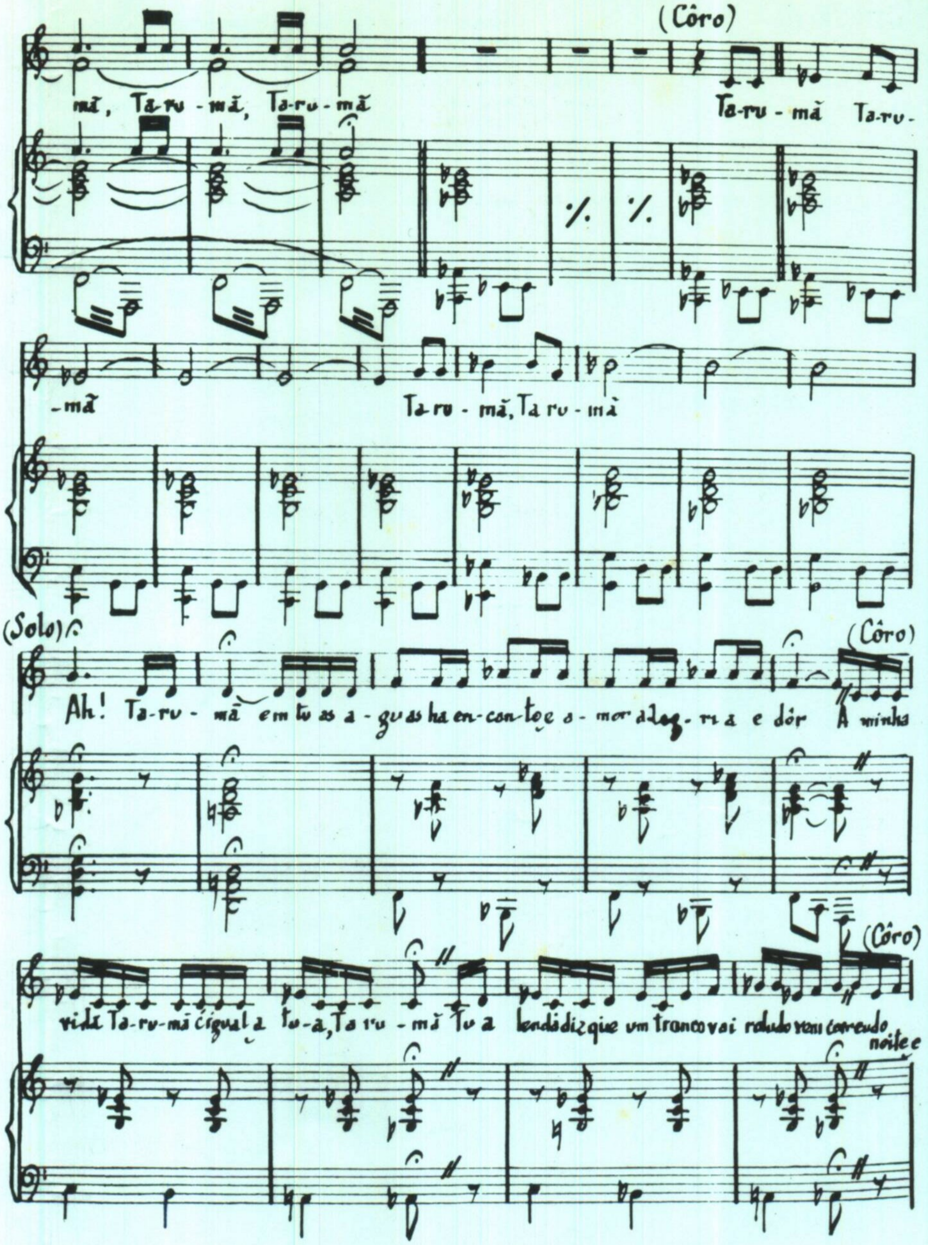
Publicado in "Jornal do Comércio."
Manaus, 22/01/1967.

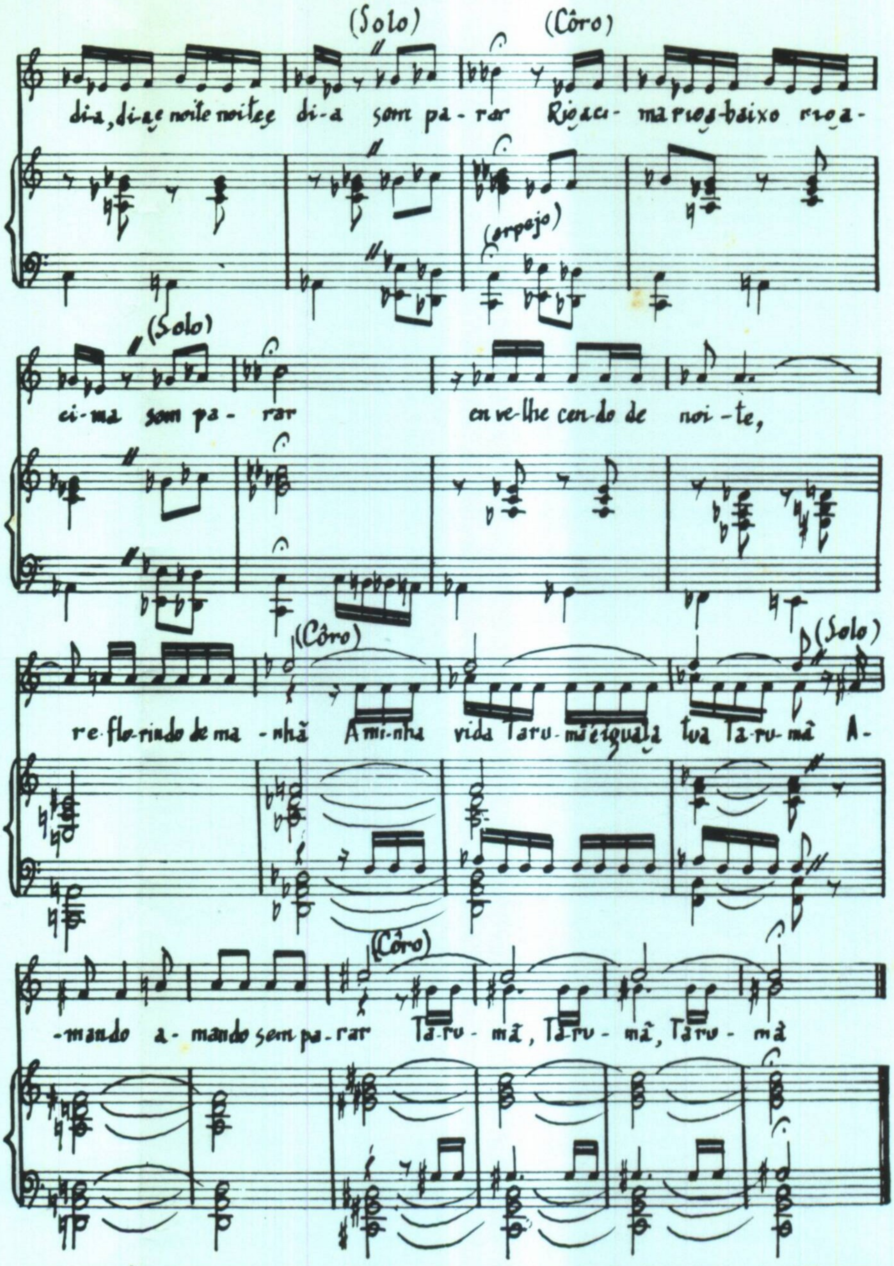
POEMA-CANÇÃO DEDICADO A
MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

TARUMÃ

LETRA E MÚSICA DE ÁUREO NONATO
INSCRITO NA O.M.B. SOB O Nº 11.180




(Côro)
mã, Ta-ru-mã, Ta-ru-mã
Ta-ru-mã Ta-ru-
-mã
Ta-ru-mã, Ta-ru-mà
(Solo)
Ah! Ta-ru-mã em tuas a-guas ha en-con-tro e a-mor a-le-gri-a e dôr
(Côro)
À minha
vida Ta-ru-mã é igual a tu-a, Ta-ru-mã Tu-a
lenda diz que um tronco vai rolado vem correndo
(Côro)
noite e



Êste poema-canção teve o seu lançamento, em Manaus, no dia 22 de janeiro de 1967, numa manhã de domingo, às margens da Cachoeira Grande do Tarumã, em ato público, com a declaração do mesmo pelo próprio autor; e está incluído num catálogo internacional de música sôbre folclore, editado pela Pan American Union, órgão cultural da OEA, com sede em Washington. No Brasil, foi publicado, em São Paulo, pela "Edições Arquimedes", e apresentado inúmeras vezes na televisão brasileira, pelo Coral Abelardo Magalhães; na Sala Cecília Meireles, pelo Conjunto Folclórico Brasileiro; no Teatro Amazonas, o baixo-cantante Abelardo Magalhães; figurando ainda no repertório de importantes corais brasileiros como o coral de Cadetes da Academia da Força Aérea, o Coral da Universidade Gama Filho, o Coral do Colégio Pedro II – Externato, Coral do Clube Ginástico Português e outros.

Endereço do Autor:
Cx. Postal nº 1394
CEP. 69000 – Manaus/Am.

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA